

Entrevista de domingo | Paulinho

Paulinho cita 'dor' após derrota para a Alemanha na Copa do Mundo de 2014, mas prefere ressaltar títulos. Convocado por Tite, sonhos são o Mundial da Rússia e encerrar a carreira no Corinthians

Dois títulos da Liga Chinesa, três Copas nacionais e uma Liga dos Campeões Asiática no currículo. Paulinho é destaque no Guangzhou Evergrande, da China, ao ponto de seguir entre os convocados de Tite para a seleção brasileira. Há três anos, a situação era inversa.

O volante vivenciava em campo a maior derrota da amarelinha no 7 a 1 para a Alemanha, em pleno Mineirão, na semifinal da Copa do Mundo - substituiu Fernandinho, no intervalo. Deixada intocável no passado, a derrota é encarada como aprendizado.

"Foi difícil? Sim. Complicado? Sim. Doído? Muito. Mas tenho certeza de que, tanto para mim como para o professor Felipão, nossas conquistas são muito maiores do que aquela derrota", diz o jogador, comandado por Luiz Felipe Scolari no Evergrande.

Paulinho seguirá na China até dezembro de 2020, mas prevê seus objetivos a curto e a longo prazo: sonha em jogar a Copa do Mundo de 2018, na Rússia, e encerrar a carreira no Corinthians. "Seria maravilhoso", projeta.

Ao contrário da maioria dos jogadores brasileiros que vão para a China, você não chegou e voltou rapidamente para o Brasil. Pelo contrário, renovou contrato com o Guangzhou Evergrande. Por quê?

Graças a Deus, eu consegui me adaptar rapidamente ao futebol chinês. E, aqui no Guangzhou, foi onde retomei a minha confiança. A renovação de contrato agora em janeiro, até 2020, é um reconhecimento do clube pelo meu trabalho nas minhas primeiras temporadas. Topei renovar e seguir por mais alguns anos, porque estou muito feliz. Sempre serei grato ao Guangzhou por ter confiado em mim quando me contratou, junto ao Tottenham, porque, naquela época, não vinha jogando há seis meses.

Teve um choque de cultura muito grande quando chegou? De que forma se deparou com os hábitos diários dos chineses, como a alimentação e a religiosidade, por exemplo?

Em relação à cultura, não tive nenhum tipo de problema no começo. Foi até muito fácil entender a cultura deles e me adaptar a ela. Quanto à ali-

mentação, é muito boa. E moro em um condomínio que tem mais de dez restaurantes no complexo, temos muitas variedades, além da nossa comida brasileira em casa.

Você passou por alguma enrascada ou situação engraçada até se acostumar com o modo de vida deles?

Alguns dias atrás, estávamos eu e o Alan (atacante) indo treinar e estava um trânsito danado, mas muito trânsito mesmo. Ai, quando estávamos perto do CT, resolvemos descer do carro e pegar uma moto. O tiozinho lá, pilotando, eu e o Alan atrás na moto (risos).

Convive muito com os jogadores brasileiros que atuam no país, tanto os do seu clube quanto os de rivais? De que forma conseguem matar a saudade da terra natal estando do outro lado do mundo?

A convivência entre os brasileiros que estão na China é muito boa. E, na verdade, esse clima bom em Guangzhou já nos faz lembrar um pouco do Brasil. Então, de vez em quando, rola até aquele churrasco, com muita resenha e risada. E isso já é o bastante para nós.

Quando foi para a Ásia, que tipo de futebol imaginou que encontraria e que futebol, de fato, encontrou? Surpreendeu-se com o nível?

Quando me mudei para a China, achei que encontraria um nível técnico muito baixo. E, realmente, fiquei surpreso com o que vi. Os chineses têm qualidade e são muito inteligentes. O nível de competitividade é alto e, por isso, fez com que o meu rendimento fosse crescendo a cada jogo.

Quando um astro vai para o futebol chinês, claro, é por causa de dinheiro. Mas, pelo aumento de tanta gente boa indo para o país, você acha que essa escolha possará ser técnica, daqui para a frente?

Sobre esse assunto, de estar vindo grandes jogadores para o futebol chinês, a primeira colocação de todas as pessoas é por causa do dinheiro. Mas eu acho que, agora, devem observar o lado técnico, também. A qualidade está melhorando e crescendo a cada ano. Dinheiro, vão ganhar em qualquer lugar. Em uns lugares mais, em outros menos. Isso é a vida. Falando por mim, graças a Deus, já tinha uma condição financeira muito boa antes mesmo

'As conquistas maiores do'



de chegar à China. Cheguei ganhando mais? Sim, mas, no momento que eu assinei, pensei da seguinte forma: tenho de jogar, seja no lugar do mundo que for. Dinheiro não pesa para mim. Então, as pessoas devem observar um pouco mais a qualidade, não só o dinheiro. **Muito se fala nos estrangeiros passando experiência e qualidade tática aos chineses. No caminho inverso, o que aprendeu no país? Tanto de futebol/tática quanto aprendizado que se leva para a vida.**

Em cada lugar por onde passo sempre aprendo um pouco. No Guangzhou Evergrande, aprendo a cada dia. O jogador

chinês, e conseqüentemente o nosso time, é muito disciplinado taticamente. E, com o excelente trabalho do professor Felipão e da comissão técnica dele, estamos fazendo um grande trabalho.

Como é a relação dos torcedores chineses com o futebol e os ídolos? Tem assédio e cobrança como no Brasil?

Assédio tem bastante, sim. Os torcedores são apaixonados pelo clube, pelos jogadores, e é muito bom ter esse carinho por parte deles. A cobrança existe em qualquer lugar. Não chega a ser como no Brasil, mas existe. **Você conviveu com o Felipão antes e depois da Copa**

do Mundo de 2014, no Brasil. É muito diferente o Scolari treinador de seleção para o comandante de um clube? Sentiu alguma diferença no trabalho nesse tempo?

É até difícil falar do professor Felipão. Além de um técnico fenomenal, é um grande ser humano, que me deu a chance de disputar uma Copa do Mundo. Depois, quando eu estava no Tottenham, sem jogar, ele confiou em mim e pediu para o Guangzhou me contratar. Foi ele que me fez retomar a confiança, essa é a grande verdade. Esse meu grande desempenho desde 2015, quando cheguei na China, é todo mérito do Fe-

Por Arthur Stabile

arthur.stabile@diariosp.com.br



as são muito que o 7 a 1'

FUTURO CANARINHO

Futebol em alta faz Paulinho manter o nome nas listas da seleção brasileira, três anos após o 7 a 1. Foco é disputar outra Copa do Mundo: na Rússia, em 2018

sor Felipão, nossas conquistas são muito maiores do que aquela derrota. E o Felipão foi campeão do mundo (na Copa de Coreia e Japão, em 2002). Não preciso dizer mais nada. **Você permaneceu dois anos no Tottenham antes de ir para o futebol asiático. Como avalia o desempenho na Europa? Sabe apontar um motivo para não ter se firmado por mais tempo, além dos problemas com o treinador, à época?**

Foram dois anos de Tottenham e avalio da seguinte forma: minha primeira temporada foi muito boa, joguei a maioria dos jogos, fiz gols importantes. Mas, em dezembro de 2013, o (técnico) André Villas-Boas foi demitido e houve a mudança. Mesmo assim, continuei atuando, e bem. Na minha segunda temporada, após a Copa do Mundo, houve mais uma mudança de treinador. Chegou o Maurício Pochettino, que me colocou em algumas oportunidades para atuar como titular. Mas, da metade para o fim da temporada, ele já não estava me utilizando muito, porque tinha as opções dele. Tenho um carinho enorme pelo Tottenham, mas passou.

Com 29 anos e tendo acabado de renovar, provavelmente, é o último grande contrato da vida profissional. O que pensa para depois? Voltar para o Brasil e encerrar a carreira? E, sendo isso, gostaria de voltar para o Corinthians para cumprir a promessa do “até logo” dito na despedida, em 2013?

Acabei de renovar por mais quatro temporadas no Guangzhou. Se será o último grande contrato, como você colocou, eu não sei responder. Mas não posso pensar o que farei daqui a quatro anos. O tempo vai dizer. Sobre retornar ao Corinthians, sempre fui claro, sincero e transparente: quando retornar ao futebol brasileiro, a minha primeira opção será o Corinthians. Encerrar a carreira no clube seria maravilhoso, com certeza. Mas tenho mais alguns anos no futebol, então,

deixa para pensar em aposentadoria mais para a frente. **Segue acompanhando o ex-clube? Como vê esse processo de perda de muitos campeões brasileiros, em 2015, e o trabalho do Corinthians para reformular o elenco?**

Sempre quando posso vejo os jogos, sim. É meio difícil, por causa do fuso horário. Realmente, o clube perdeu muitos jogadores em 2015, mas o futebol é dessa forma. Tenho certeza de que a equipe tem tudo para começar este ano muito bem, com conquistas. Quando o professor Tite assumiu a seleção, claro que todos sabiam que seria uma grande mudança, porque todos já estavam adaptados e conheciam bem a forma do Tite de trabalhar. Foi uma grande mudança, mas, como eu disse, as coisas vão se encaixar. O elenco é bom.

Assim como o Felipão, você conviveu com o Tite tanto em clube como na seleção. São modos de trabalho muito distintos, do Tite no Corinthians para o Tite no Brasil?

Ele é exatamente a mesma pessoa e o mesmo profissional na seleção brasileira em relação ao que era no Corinthians. Não mudou absolutamente nada. Por isso que é um grande vencedor. E não vejo muita diferença entre Tite e Felipão. O que existe é que cada um tem a sua filosofia e o seu método de trabalho. São dois grandes seres humanos. E campeões.

Consegue apontar as semelhanças e diferenças do trabalho dele para o do Felipão?

Desses dois, sinceramente, não sei o que dizer. Sempre terão só elogios da minha parte. Só posso dizer a eles muito obrigado pela confiança.

O Tite o convocou para os jogos nas Eliminatórias contra Uruguai e Paraguai. Ainda sente frio na barriga até ver o seu nome na lista?

Procuro fazer a minha parte da melhor maneira possível, seja nos treinos ou nos jogos, para que o meu nome esteja sempre na lista. Tenho de me preocu-



Paulinho tem no Instagram esta foto com máscara do Bando de Loucos

par em fazer um grande trabalho, como venho fazendo no Guangzhou, para que eu possa servir à seleção brasileira. Foi o que o professor Tite colocou para todos nós: façam um bom trabalho nos seus clubes, porque estamos sempre observando todos, certamente.

Apesar de muitos nomes conhecidos, a China fica fora do radar da seleção, mas o Tite conhece e admira o seu trabalho. Isso lhe dá mais segurança para saber que, mesmo no país, as chances de ir para a seleção permanecem abertas?

Na minha opinião, ainda mais conhecendo bem o professor Tite, não existe nenhum mercado que esteja fora do radar da seleção. Isso é nítido e muito fácil de observar. O professor Tite foi claro, todos estão sendo observados. Mas, como eu

disse, estou preocupado apenas em fazer o meu trabalho da melhor maneira possível e ganhar títulos com o Guangzhou. Como já ganhamos muitos troféus, aliás, vale destacar.

A Copa do Mundo da Rússia já será no ano que vem. Bate uma ansiedade por você fazer parte dos convocados com uma certa frequência, até aqui? Como é se imaginar na disputa do seu segundo Mundial representando o país?

Vou fazer de tudo para estar com o grupo na Rússia, no ano que vem. É trabalhar e tentar manter um nível altíssimo para jogar mais uma Copa. Então, vou procurar dar o meu melhor no Guangzhou para que, se Deus quiser, eu possa estar entre os convocados na lista final. Como eu disse, Deus sabe de tudo e de todas as coisas.



Em 65 jogos feitos com o Evergrande, Paulinho soma 15 gols marcados

Thomas Santos/MovaPress

Instagram/Reprodução

Toru Hanai/Reuters

lipão. Tanto na seleção quanto no clube, ele é a mesma pessoa, sempre cobrando e querendo vencer as partidas.

Invariavelmente, tanto você quanto ele têm de responder sobre o 7 a 1 para a Alemanha. É uma marca mais lembrada do que as conquistas? Como não deixar isso influenciar no trabalho atual?

Sobre esse resultado e a eliminação na Copa do Mundo, nem eu nem ele comentamos mais nada, até mesmo porque não temos por que comentar sobre isso. Foi difícil? Sim. Complicado? Sim. Doído? Muito. Mas tenho certeza de que, tanto para mim como para o profes-